

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 4 • N.º 8 • OUTÚBRO 95

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *A Crise do Mundo da Vida no Universo Mediático Contemporâneo*

AMÂNDIO AUGUSTO COXITO - *Luís A. Vernei e J. Locke: Linguagem e Comunicação*

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO F. SILVA - *Problemas da Hermenêutica Prática*

HANS-ULRICH HOCHÉ - *Universal Prescriptivism Revised; or: The Analyticity of the Golden Rule*

MARIA LUÍSA RIBEIRO FERREIRA - *A propósito da Formação de Professores - Notas para um Debate*

J. NEVES VICENTE - *Educação, Diálogo, Crítica e Libertação na Acção e no Pensamento de Paulo Freire*

LOURENÇO, M. S. *A Cultura da Subtileza. Aspectos da Filosofia Analítica*. (Lisboa: Gradiva, 1995).

De Lisboa chega-nos uma amostra da *Cultura da Subtileza* exemplificada no tratamento de algumas questões importantes. A escolha aqui apresentada, necessariamente incompleta para lá das contingências referidas por M. S. Lourenço no prefácio (10-11), constitui um documento interessante do que foi um exercício de comunicação e diálogo numa estação de radio-difusão (RDP 2). A intervenção dos profissionais da filosofia nos meios de comunicação social não é novidade absoluta, mesmo entre nós. O que torna, a um tempo, aliciantes e problemáticos estes actos de comunicação com um público mais vasto do que o habitual é a tensão entre o discurso de iniciação e o discurso de iniciados. Manter vivo, em todos os contextos em que se realiza uma intervenção deste tipo, com numerosos participantes, de formações diferentes, o *culto da subtileza* sem perder a capacidade de interessar e interpelar ouvintes e leitores é algo muito difícil.

A variedade das intervenções é muito maior do que poderia fazer supor uma leitura sumária que as enquadrasse tematicamente naquilo a que M. S. Lourenço chama as subdisciplinas da lógica, teoria do conhecimento, estética e filosofia da linguagem. Logo na Parte I - *Perplexidade, Diálogo e Conflito* - se espelha claramente a diversidade e não alinhamento disciplinar de muitas intervenções deste volume. Começando com *A miséria do essencialismo* de Manuel Maria Carrilho em que se retoma novamente a querela em torno das virtualidades do programa de filosofia para os alunos do secundário proposto, em 1989, pelo autor e terminando no ensaio de José Trindade Santos sobre uma questão decisiva da hermenêutica do Corpus Platonicum - *Porque escreveu Platão diálogos?* - passando pelos ensaios de António Zilhão sobre *A concepção de filosofia de Wittgenstein* e de António Marques em busca de uma resposta à pergunta, *A filosofia apresenta resultados?* reflectem diversas concepções da filosofia e igualmente manifesta diversidade na interpretação do núcleo temático dos autores clássicos. Nada disto, por si, é negativo. Porém, o modo como M. S. Lourenço introduz a distinção entre filosofia analítica e outra que caracteriza de especulativa e vincula explicitamente à cultura filosófica dos países onde se falam as línguas românicas bem como algumas afirmações dos diversos colaboradores deste volume podem levar o leitor mais incauto a admitir que existe maior volume de teses comuns aos textos que, razoavelmente, se podem caracterizar como sendo de filosofia analítica do que realmente acontece. Outro factor de perplexidade é o papel tutelar que a figura de Wittgenstein desempenha em muitos dos ensaios aqui publicados dada a sua peculiar atitude pessoal perante a filosofia, como, aliás, muito bem reconhece M. S. Lourenço. Papel que se reflecte até na ilustração da capa com o retrato de Margaret Stonborough-Wittgenstein, a irmã do autor do *Tractatus*.

A Parte II - *Lógica e Metafísica* - inclui ensaios de: João Sâãgua sobre *O papel da lógica na filosofia*; de Fernando Ferreira sobre *Lógica, filosofia e matemática* e, ainda, de João Branquinho sobre *Modalidade e existência*.

A Parte III - *Estética e Filosofia da Arte* - inclui um conjunto significativo de cinco ensaios que representarão, porventura, a maior novidade para os leitores com uma formação académica convencional. Assim, Miguel Tamen analisa *A origem da obra de arte literária: o caso de Proust*; António M. Feijó retoma a questão da *Mimese, a representação da realidade*, tema igualmente abordado por Sidónio de Freitas Branco Paes no domínio da música (*A representação da realidade na música*); João Paes sobre *Tempo musical e tempo afectivo* e, finalmente, João Bénard da Costa sobre *A fronteira da arte*.

Todos estes ensaios - muito breves - são precedidos de uma introdução de M. S. Lourenço e seguidos de um diálogo de M. S. Lourenço com o autor de cada uma das comunicações no sentido de explorar articulações aí abordadas ou subentendidas. É claro que

elas não podem/devem ser descontextualizadas mas cremos tratar-se, em geral, das partes mais interessantes deste volume em boa hora publicado pela Gradiva. Nestes diálogos, M. S. Lourenço revela toda a sua virtuosidade e amplitude de interesses.

A. M. M.

TOMAS DE AQUINO, *O ente e a essência*. Versão do latim e introdução de Mário A. Santiago de Carvalho. (Porto: Contraponto, 1995)

A publicação deste texto não está, manifestamente, ligada a um renovado e crescente interesse do público português, leitor de textos filosóficos, pela obra e pelo pensamento de Tomás de Aquino. Está, antes, ligada, como é do conhecimento dos professores de filosofia, ao facto de o novo programa de *Filosofia* para o 12.º ano incluir o *De ente et essentia* entre as obras que podem ser escolhidas para leitura integral. Não cabe aqui discutir o acerto de tal medida programática. Acontece que, quando tal decisão foi tomada, a única versão vernácula disponível era a de António Soares Pinheiro, profundo conhecedor do texto e de uma exigência de rigor conceptual e terminológico extremos que o levaram a apresentar uma versão que, precisamente pela exigência de rigor e de fidelidade ao texto original, resultou inovadora mas de difícil leitura para quem não pudesse acompanhar o labor interpretativo que lhe servia de suporte. E este seria o caso da maior parte dos leitores já que se tratava de uma tradução sem comentário interpretativo. Por isso, impunha-se nova versão portuguesa que, sem condescender no rigor interpretativo, pudesse mais facilmente ser lida por quem não está familiarizado com a obra de Tomás de Aquino. Mário A. Santiago de Carvalho, pensando nos docentes e alunos do secundário que tiverem a ousadia de ler *O ente e a essência* mas sem esquecer os alunos de filosofia medieval das nossas universidades, apresenta-nos uma tradução mais convencional mas mais legível para uma parte significativa dos leitores potenciais deste texto. Para superar as dificuldades que subsistem, fornece alguma ajuda nas notas de comentário e na introdução em que esboça as grandes linhas da problemática abordada neste opúsculo de Tomás de Aquino. As amplas e criteriosas referências bibliográficas permitem, ainda, ao leitor interessado, aprofundar o conhecimento da obra de Tomás de Aquino e dos problemas por ela suscitados. A inclusão de um índice temático e onomástico tornam o manuseamento deste volume ainda mais útil.

A. M. M.